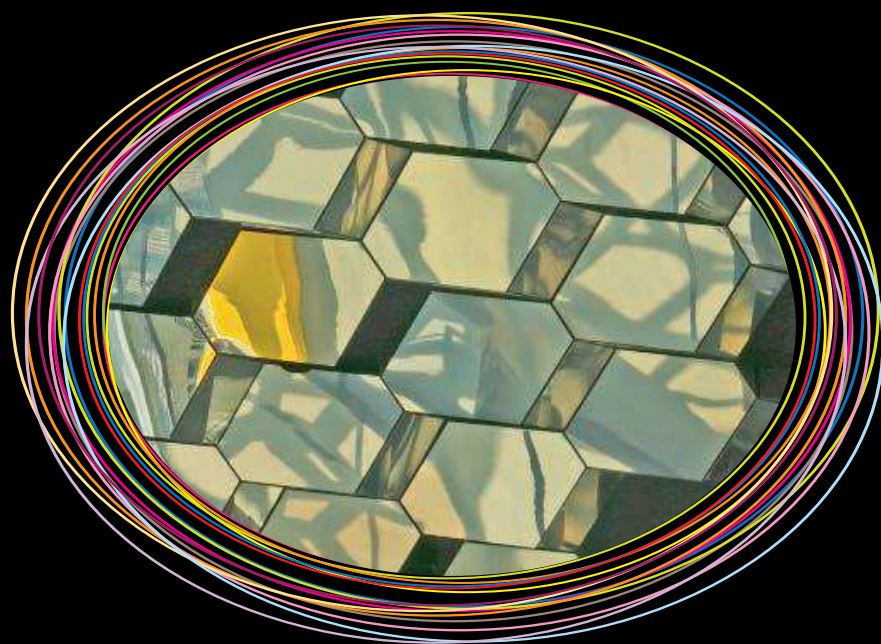


Diversidade no Ensino Superior

Coordenação
Susana Gonçalves e José Joaquim Costa



Coleção
Estratégias de Ensino e Sucesso Académico:
Boas Práticas no Ensino Superior

Diversidade no Ensino Superior

Diversidade no Ensino Superior

Coordenação

Susana Gonçalves

José Joaquim Costa

Coimbra, 2019

Coleção

Estratégias de Ensino e Sucesso Académico:

Boas Práticas no Ensino Superior

Coord. da Coleção: Susana Gonçalves

Comissão editorial da coleção

Helena Almeida, Paula Fonseca, Susana Gonçalves,

Cândida Malça, Fátima Neves, Carlos Dias Pereira e Marco Veloso

Vol. 7 Diversidade no Ensino Superior

Coord. Susana Gonçalves e José Joaquim Costa

Revisão de Textos

Inês Amaral, Carlos Manuel Barreira, Nuno Chuva Vasco,

Pedro Balau Custódio, Susana Gonçalves,

Rómima de Mello Laranjeira, Cidália Lopes, Helena Pratas,

Elizabete Rodrigues e Dina Soeiro

ISBN: 978-989-54277-2-7 (impresso)

ISBN: 978-989-54277-3-4 (ebook)

©2019, CINEP/IPC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser impressa, fotocopiada, ou reproduzida ou utilizada de alguma forma ou por meio mecânico, eletrónico ou outro, ou em qualquer espaço de armazenamento de informação ou sistema de busca eletrónico sem permissão por escrito dos editores.

Paginação, grafismo e capa: José Costa

Foto da capa: Susana Gonçalves

Impressão: Várzea da Rainha, Lda

Depósito Legal:



cinep

CENTRO DE INOVAÇÃO E ESTUDO DA
PEDAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR

www.cinep.ipc.pt

Coleção

Estratégias de Ensino e Sucesso Académico: Boas Práticas no Ensino Superior

Volumes Publicados

Vol. 1 Pedagogia no Ensino Superior

Coord. Susana Gonçalves, Helena Almeida, Fátima Neves

Vol. 2 Inovação no Ensino Superior

Coord. Susana Gonçalves, Paula Fonseca, Cândida Malça

Vol. 3 Ambientes Virtuais no Ensino Superior

Coord. Susana Gonçalves, Carlos Dias Pereira, Marco Veloso

Vol. 4 eLearning no Ensino Superior

Coord. J. António Moreira e Cristina Pereira Vieira

Vol. 5 Cooperação entre a Comunidade e o Ensino Superior

Coord. Silvino Capitão e Emília Bigotte

Vol.6 Estudantes não-tradicionais no Ensino Superior

Coord. António Fragoso e Sandra T. Valadas

Vol. 7 Diversidade no Ensino Superior

Coord. Susana Gonçalves e José Joaquim Costa

Índice

Prefácio	1
----------	---

Parte 1

Diversidade e Internacionalização do currículo e dos estudantes

Capítulo 1

Diversidade Cultural na Universidade em Portugal:
Tendências e Desafios

Dália Costa 11

Capítulo 2

Diversidade e mobilidade no Ensino Superior

Darlinda Moreira e Gabriel Antão 37

Capítulo 3

Perceções de estudantes universitários portugueses acerca da
mobilidade estudantil. Que contributo para o desenvolvimento
da interculturalidade?

Vânia Letícia Dalcin e Isabel Freire 51

Capítulo 4

Estudantes da CPLP em Coimbra:
Um caso particular de integração

Maria Jorge Ferro 81

Parte 2

Competência para o sucesso em ambientes de diversidade

Capítulo 5

O ensino e a aprendizagem no núcleo da melhoria do Ensino Superior: as competências e a formação pedagógica do corpo docente

Ana Martín-Romera 101

Capítulo 6

Valoración de las necesidades formativas en estrategias orientadoras y tutoriales del profesorado en el Instituto Politécnico de Coimbra

Susana Gonçalves, Sonia Rodríguez Fernández, Puri Salmerón, Beatriz García Lupión, Ana Martín-Romera e Beatriz Berrios Aguayo 119

Capítulo 7

Tutorias: Uma forma de promover a adaptação dos estudantes ao Ensino Superior

Graça Andrade, Paula Macedo e Teresa Denis 131

Capítulo 8

Evasão no Ensino Superior Brasileiro: Perspectivas e possibilidades em novas arenas de *Engagement*

Rosa Maria Rigo e Maria Inês Côrte Vitória 149

Parte 3

Currículos estruturados nos e para os ambientes de diversidade

Capítulo 9

Educação e diversidade cultural em contexto de negócios: Um caso de inovação no ISCAP-P. PORTO

Clara Sarmiento, Carina Cerqueira, Laura Tallone, Marco Furtado, Sandra Ribeiro e Sara Cerqueira Pascoal 165

Capítulo 10

Diversificar as missões do ensino superior para a justiça social e a sustentabilidade

Fátima Monteiro 183

Capítulo 11	
Ensino Integrado de Inglês e de Tópicos de Engenharia Industrial: Três anos de trabalho colaborativo de ensino	
Margarida Morgado, Marcelo Gaspar e Mónica Régio	199
Capítulo 12	
<i>Por que acho que sim?</i> Sobre a importância do modelo deliberativo numa melhor prática educativa	
Gil Baptista Ferreira	223
Capítulo 13	
As Artes no Ensino Superior – ‘Pedagogias do evento’ no Doutorado em Educação Artística	
Ana Paula Caetano, Ana Luísa Paz, Absalão Narduela, Adriana Pardal, Ana Serra Rocha, Sofia Ré, Cinayana Silva Correia, Clara Marques, Helena Ribeiro da Silva, Joana Andrade, Manuela Carvalho e Teresa Meireles	239
Capítulo 14	
Metodologia de ensino-aprendizagem aplicadas à integração da Geração <i>Baby-boomer</i> , Geração X e Geração <i>Millennials</i>	
Oliva Martins, Ana Sofia Coelho e Sandra Filipe	261
Coordenadores	279
Autores	283

Prefácio

Os trabalhos incluídos neste livro distribuem-se por três temáticas gerais, organizadas por partes, a primeira intitulada Diversidade e Internacionalização do *currículo e dos estudantes*, com três capítulos. No primeiro capítulo, *Diversidade Cultural na Universidade em Portugal: Tendências e Desafios*, Costa começa por definir os conceitos de multiculturalismo, interculturalidade e diversidade cultural, tendo em vista abordar a problemática da diversidade cultural no ensino superior, através de uma análise da composição da população estudante em Portugal. A autora reflete sobre a diversidade cultural enquanto vantagem institucional e organizacional para as instituições de ensino superior, as quais devem beneficiar dessa diversidade, mas também preparar-se para os seus desafios.

A mobilidade internacional de estudantes tem vindo a crescer em todos os países e a no caso dos estudantes portugueses essa tendência verifica-se de igual forma. A ideia de que as instituições de ensino superior são espaços globais e de aprendizagem intercultural sai fortalecida com este movimento geral de mobilidade, no qual se promovem trocas positivas (de ideias, recursos, oportunidades profissionais e práticas de cidadania). No caso concreto do ensino superior especializado da música em Portugal, ainda recente e dirigido para um mercado de trabalho específico e reduzido, a aspiração à mobilidade académica para estudar no estrangeiro implica vários graus de adaptação por parte dos estudantes portugueses para se integrarem nas escolas estrangeiras e nas orquestras. Este é o tema abordado por Moreira e Antão, no capítulo *Diversidade e mobilidade no Ensino Superior*, que procura ajudar a compreender melhor os desafios da continuação dos estudos no estrangeiro.

No capítulo de Dalcin e Freire sobre as *Percepções de estudantes universitários portugueses acerca da mobilidade estudantil*, cujo foco é a mobilidade estudantil enquadrada nas mudanças dos sistemas de educação superior, designadamente as resultantes da Declaração de Bolonha (2000), as autoras refletem sobre os efeitos da mobilidade estudantil transnacional, em especial as competências que se desenvolvem em virtude das novas situações, culturas, problemas e desafios pessoais com que o estudante se confronta neste capítulo, as autoras apresentam e discutem os resultados de um estudo sobre os reflexos da frequência do ensino superior no desenvolvimento pessoal dos estudantes, em especial a tendência positiva para a autonomia e o desenvolvimento de identidades pessoais e autoconceitos mais positivos. Os dados analisados neste trabalho demonstram que os encontros culturais constituíram experiências de aculturação muito positivas, favorecendo importantes aprendizagens e mudanças, destacando-se, ao nível pessoal, o desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança e, a nível social e (inter)cultural, a abertura ao Outro e o reconhecimento das diferenças como fator de enriquecimento mútuo.

O capítulo de Maria Jorge Ferro com o qual se conclui esta primeira parte do livro intitula-se *Estudantes da CPLP em Coimbra: Um caso particular de integração*. A autora apresenta o trabalho que vem desenvolvendo deste há mais de uma década com estudantes estrangeiros, revisitando à luz de novos dados sociopsicológicos as conclusões de uma primeira fase do trabalho (entrevistas e um desenho de investigação assente nos princípios da Grounded Theory) de acompanhamento das circunstâncias de integração de estudantes (denominados como Estudantes da Cooperação) oriundos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) na Universidade de Coimbra (UC). A principal problemática do capítulo é a da relação entre os estudantes portugueses e brasileiros, dado que parecem colocar agora mais questões sobre o funcionamento das instituições e das relações de cidadania, trazendo também uma preparação académica mais forte, o que lhes garante outro modo de se posicionarem na própria Universidade e gera fricções antes não identificadas.

A segunda parte do livro, *Competência para o sucesso em ambientes de diversidade*, inclui quatro capítulos, começando com *La en-*

señanza y el aprendizaje como centro de la mejora en Educación Superior: competencias y formación pedagógica del profesorado, da autoria de Martín-Romera. O perfil docente necessário à mudança decorrente do processo de convergência europeia na educação superior e novas funções atribuídas aos professores inclui competências para responder adequadamente à diversidade dos estudantes, à mudança constante nos âmbitos profissionais para os quais estes são preparados e à comunicação digital. Tendo como pano de fundo este cenário e os desafios que implica, o capítulo analisa contextos profissionais e necessidades de formação pedagógica dos docentes do ensino superior, refletindo, com base em diversas propostas e evidências, sobre as competências pedagógicas relevantes e o planeamento da formação para essas competências.

Na linha do capítulo anterior, Gonçalves, Rodríguez, Salmerón, García, Martín e Berrios discutem a questão da orientação e tutoria e a necessidade de formação dos docentes nesse domínio no capítulo *Valoración de las necesidades formativas en estrategias orientadoras y tutoriales del profesorado en el Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal)*. A orientação e tutoria centram-se no apoio ao estudante ao longo de todo o percurso académico, incluindo a orientação de carreira na fase final desse percurso e inserção profissional, que implica ações conhecimentos e ações em campos tão diversos como apoio psicopedagógico ao aluno, criação e ambientes de aprendizagem adequados, educação em valores e desenvolvimento institucional, desenvolvimento de programas de tutoria, cooperação entre pares, entre tantos outros. O capítulo apresenta um estudo onde se descrevem as perceções dos docentes de uma instituição portuguesa (IPC/ESEC) sobre as necessidades de formação neste campo, identificando as diferenças de género, experiência profissional, participação em atividades de tutoria e formação prévia.

No capítulo, *Tutorias: Uma forma de promover a adaptação dos estudantes ao Ensino Superior*, Andrade, Macedo e Denis apresentam um programa de tutorias implementado na Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa (PT) com o intuito de facilitar a integração dos estudantes no meio académico e de promover o sucesso

académico e o desenvolvimento social e humano dos estudantes. O programa, baseado num modelo de desenvolvimento académico que conjugue aspetos técnicos/científicos com o desenvolvimento pessoal dos estudantes, tem a capacidade de estabelecer uma relação empática do professor/tutor e o seu papel de facilitador das capacidades dos estudantes para superarem obstáculos e concretizarem objetivos.

As diversas fases do programa são descritas, desde a fase inicial informativa até à fase final de avaliação e apresentados os resultados, destacando-se o elevado grau de satisfação dos estudantes que consideraram o programa útil para facilitar do sucesso no curso, conhecer melhor a profissão/curso e melhorar a relação com os docentes e os métodos de estudo.

A concluir esta parte, Rigo e Vitória analisam, no capítulo *Evasão no ES brasileiro: Perspectivas e possibilidades em novas arenas de Engagement*, onde apresentam os números do abandono e insucesso no sistema universitário brasileiro. Em vista disso, propõem repensar os atuais espaços de formação, visando promover o engajamento académico dos estudantes como alternativa para refrear os índices da evasão. Conceituam o engajamento académico como a variável transversal mais influente no que se refere aos resultados de aprendizagem e aderência aos estudos ((Zepke, 2011), reconhecendo-o como um processo complexo, influenciado por fatores e ações que envolvem: professores, administradores institucionais e equipas de apoio. Este trabalho foca ainda a defasagem entre os modelos de ensino, reconhecendo como imprescindível ao fazer pedagógico, a inserção das tecnologias digitais como alternativa para promover o engajamento das novas gerações de alunos, permanentemente conectada e intercambiável.

Finalmente, na terceira parte, intitulada *Currículos estruturados nos e para os ambientes de diversidade*, incluem-se seis capítulos. No primeiro, *Educação & diversidade cultural em contexto de negócios: um caso de inovação no ISCAP P. Porto*, Sarmiento, Cerqueira, Tallone, Furtado, Ribeiro e Pascoal apresentam uma meta-análise sobre o processo de investigação e ensino em que se baseia o Mestrado em Intercultural Studies for Business (MISB), lecionado em inglês, do Instituto

Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP-Politécnico do PORTO). O mestrado está focado no mundo empresarial e procura desenvolver competências empreendedoras no campo da cultura e capacidades práticas, analíticas e críticas para a comunicação intercultural, com base numa proposta interdisciplinar e na aplicação das novas tecnologias, dando a conhecer as potencialidades das linguagens de comunicação multimodal para as negociações no mercado global. A investigação que sustentou a criação do MISB relevou a necessidade de apostar em competências gerais como a capacidade de adaptação, empreendedorismo, *networking*, relacionamento com *stakeholders*, focalização global com consciência local, numa estratégia de facilitação da expansão e de boas práticas em equipas interculturais, cientes das exigências impostas pela globalização.

No capítulo seguinte, *Diversificar as missões do ensino superior para potenciar o seu propósito de promoção da justiça social e da sustentabilidade*, Monteiro defende a substituição de um modelo de ensino da engenharia focado nas competências técnicas por uma conceção mais humanistas, onde se encara a engenharia na ótica do bem comum. Na linha de outros autores, a autora advoga a necessidade de revisão do ensino da engenharia para que incorpore possibilidades de reflexão crítica e formação ética e moral de modo a que os futuros profissionais saibam direcionar a sua atividade para o serviço à humanidade e ao bem comum. A autora faz uma análise comparativa dos cursos de engenharia em Portugal, nos dois subsistemas Politécnico e Universitário e apresenta os resultados desta análise, de onde se destaca a prevalência de uma visão do ensino superior focado na formação profissional e a conceção do ensino da engenharia como serviço ao sector económico. A autora conclui que estes resultados justificam que se repense o papel e modelos do ensino superior, nomeadamente no âmbito da engenharia.

O capítulo da autoria de Morgado, Gaspar e Régio, *Ensino Integrado de Inglês e de Tópicos de Engenharia Industrial: 3 anos de trabalho colaborativo de ensino*, documenta uma experiência de integração do ensino de inglês especializado com o ensino de tópicos de engenharia num instituto politécnico português ao longo de três anos (de 2014 a 2017) utilizando a abordagem CLIL, na qual o inglês é usado como

língua franca de comunicação e de ensino/aprendizagem. A experiência decorreu num contexto de utilização do inglês como língua especializada (tópicos de engenharia) e decorreu de uma formação de docentes de engenharia e de inglês técnico sobre as vantagens de integração de língua e conteúdo do ponto de vista de uma aprendizagem centrada nos alunos. A formação de docentes e consequente implementação de módulos em inglês no quadro de certas unidades curriculares, pretendia levar os docentes a experimentar metodologias de ensino mais orientadas para as necessidades dos alunos, a compreender e avaliar as suas próprias competências e estratégias de ensino em inglês e a identificar materiais, recursos e abordagens que pudessem constituir materiais de ensino úteis. Os resultados da experiência de colaboração entre docentes, que integrou os conteúdos disciplinares de duas unidades curriculares e um esforço para planificação conjunta apontam para um aumento da motivação e envolvimento de alunos, uma redefinição pelos docentes envolvidos das suas conceções de ensino e aprendizagem, dos recursos e das práticas em sala de aula, cada vez mais apoiadas em aprendizagens mediadas por recursos online, por trabalho colaborativo, por aprendizagem baseada em tarefas e por trabalho de projeto.

Qual o contributo dos ideais deliberativos para a educação escolar, concretamente a de nível superior? Esta é a questão a que Ferreira procura responder, no capítulo *Por que acho que sim? - Sobre a importância do modelo deliberativo numa melhor prática educativa*. O autor examina o impacto do processo de democracia deliberativa num novo entendimento das práticas educativas e da sua natureza eminentemente ética e cívica. O autor revisita e propõe a noção de deliberação pública e de uso ético do discurso (segundo Habermas) para a tomada de decisão informada, participada e fundamentada e defende que a deliberação pode ser usada de forma vantajosa na sala de aula, estimulando a autonomia dos estudantes e a sua capacidade de receberem e acomodarem pontos de vista e experiências diversas.

Com *As Artes no Ensino Superior – ‘Pedagogias do evento’ no Doutorado em Educação Artística*, Caetano e colegas apresentam-nos um conjunto de experiências artísticas vivenciadas no contexto de um

curso de doutoramento em Educação Artística, na Universidade de Lisboa, organizado pelo Instituto de Educação e pela Faculdade de Belas Artes desde 2015. O curso, entendido como oportunidade de inovação e investigação no campo da pedagogia do ensino superior, foi gerando dinâmicas participativas que envolveram docentes e estudante, começando no âmbito de unidades curriculares e culminando em dois eventos científicos e *workshops* inspirados nas práticas artísticas de sala de aula. A reflexão das autoras ajuda-nos a compreender as relações entre essas experiências de educação artística, as metodologias participativas adotadas e os projetos de doutoramento em andamento.

No capítulo final desta obra, Martins, Coelho e Filipe questionam sobre a necessidade de repensar as Metodologia de ensino-aprendizagem aplicadas à integração da Geração *Baby-boomer*, Geração X e Geração *Millennial*. As autoras apresentam um estudo no qual se constituíram grupos de trabalho heterogêneos e multidisciplinares com estudantes de diferentes cursos e anos curriculares do ensino superior. O estudo estava focado no desenvolvimento de competências transversais (trabalhar em equipa, comunicação, criatividade, pensamento crítico e resiliência). Foi pedido aos grupos de estudantes que trabalhassem em registo interdisciplinar para resolver problemas e sugerir novas ideias no âmbito da comunicação, receção e organização de um seminário. As conclusões apontam para a relevância da complementaridade destas gerações, dando, assim, uma resposta positiva às questões das autoras: é possível integrar numa mesma sala de aula as diferentes gerações de alunos (*Baby-boomer*, X e *Millennial*)? Que tipo de metodologia de ensino aprendizagem é capaz de unir estas diferentes gerações e permitir uma aprendizagem em simultâneo bem-sucedida?

Capítulo 2

Darlinda Moreira e Gabriel Antão

Diversidade e mobilidade no Ensino Superior

Este capítulo aborda a problemática da mobilidade no Ensino Superior e das experiências culturais vivenciadas pelos estudantes do ensino especializado da música para se integrarem nas escolas estrangeiras e nas orquestras. Entendemos que esta problemática deve ser aprofundada no contexto da formação superior para que, tanto professores como alunos, entendam melhor os processos socioculturais vivenciados pelos estudantes internacionais, e, deste modo, melhor se preparem para os desafios da continuação dos estudos no estrangeiro.

Promover a internacionalização é um dos objetivos principais no Ensino Superior havendo um investimento crescente no reconhecimento de graus e na construção de equipas de investigação transnacionais. Em décadas recentes, os processos de globalização têm vindo a acelerar ainda mais a internacionalização de instituições de educação de nível superior, onde atualmente podemos observar diversas atividades de carácter internacional.

A mobilidade é outra das características das sociedades do conhecimento que as instituições de ensino superior reconhecem e fomentam ao promover intercâmbios de docentes e discentes para enriquecimento científico e cultural. Mais especificamente as instituições de ensino superior apostam na mobilidade e evidenciam a centralidade desta ideia para o incremento da internacionalização que é considerada como “...uma oportunidade chave para a aprendizagem e desenvolvimento” (Eurostat, 2009, p. 106), sendo incentivada através

de vários programas de intercâmbio estudantil, como por exemplo o Erasmus, criado em 1987, e que permitiu a mobilidade a mais 2,5 milhões de estudantes, número que contudo é baixo se considerarmos que uma das metas do H2020 é que se atinja uma mobilidade de 20% (Moor & Henderikx, 2013). Observa-se, conseqüentemente, um crescimento significativo no número de estudantes em mobilidade que, de 2,1 milhões em 2002, aumentou para 3,4 milhões em 2009 e para 4,3 milhões em 2011 (OECD, 2013).

Outro aspeto não menos importante da mobilidade relaciona-se com a criação de ambientes interculturais reconhecidos pelas predisposições e potencialidades para fazer avançar o pensamento e promover a aquisição de conhecimento, atitudes e competências, bem como a criação de novas relações e aprendizagens informais em virtude da criação de espaços abertos onde predomina a circulação de ideias provenientes de diferentes disciplinas, locais e contextos, e o aumento da confiança e da amizade entre indivíduos de diferentes nacionalidades (Moreira, Marcos & Coelho, 2013).

Tratando-se, no caso do presente capítulo, de instituições de ensino (universidades e escolas superiores) e tradição (orquestras), as competências interculturais são evidenciadas dentro da realidade multicultural destes contextos, que protagonizam uma temática que cruza conceitos e âmbitos conceptuais da escola, das culturas, da aprendizagem e dos valores, e são indispensáveis para poder fazer face à realidade multicultural destas instituições e centros culturais onde operam. Neste quadro para além de considerações acerca da mobilidade e suas relações com a diversidade e as experiências interculturais no seio da internacionalização de instituições superiores de educação, este capítulo apresenta considerações globais, que refletem pontos de vista e perspectivas de estudantes portugueses de música sobre a experiência intercultural num país estrangeiro, a sua relação não só com o sucesso académico, mas também com experiências de estudo anteriores realizadas em Portugal. Finalmente, evidencia-se os processos de inclusão vivenciados tentando contribuir para uma maior compreensão e facilitação de percursos académicos internacionais, que conduzam à conclusão dos estudos com sucesso e à futura inserção profissional.

A mobilidade e a experiência da diversidade

A mobilidade, física ou virtual, tem vindo a aumentar exponencialmente as oportunidades de trocas culturais, e o contato regular entre indivíduos e entre grupos tem vindo a consolidar-se, atuando como uma forma de transformar as experiências pessoais, sociais e culturais e colocando os indivíduos ou os grupos perante horizontes de saberes e experiências que, de outro modo, seriam impossíveis de realizar. A crescente mobilidade permite encontros e confrontos (tanto positivos como negativos) diários entre culturas locais e globais, que fomentam a conscientização acerca da diversidade e evidenciam a coexistência e interdependência de diferenças, destacando as necessidades tanto de aprendizagem sobre a interação humana como de aquisição de competências interculturais. Com efeito, um dos desafios da educação nesta era global é, como afirma Gardner (2004),

[...] o conhecimento e as competências para interagir civil e produtivamente com vários indivíduos de diferentes proveniências culturais tanto dentro da nossa própria sociedade como através do planeta.

[...] knowledge of and ability to interact civilly and productively with individuals from quite different cultural backgrounds both within one's own society and across the planet (p. 254)

No âmbito da produção de conhecimento científico, a mobilidade de estudantes e professores também é considerada um fator promissor de inovação e criatividade, uma vez que a investigação está fortemente associada a uma ciência global e aos mercados internacionais. Acrescente-se ainda que, uma vez que o mercado de trabalho é ele próprio multilocalizado, enriquecendo-se e adquirindo novos contornos através dos contextos internacionais onde está inserido, cada vez mais é reconhecida a importância dos contactos interculturais para o desenvolvimento profissional e económico e, neste quadro, a própria mobilidade que proporciona e faz avançar os indivíduos que a praticam ao nível da:

- i. a aprendizagem da tolerância e do convívio com a diversidade;
- ii. o reconhecimento da diversidade envolvida nas relações internacionais e globais;
- iii. e a sedimentação de uma identida-

de europeia, para além da diversidade nacional (Eurydice 2004, p. 57-58)

Estudantes internacionais, interculturalidade e internacionalização

Segundo a definição da OECD (2014), “*O termo ‘estudante internacional’ refere-se a estudantes que cruzaram fronteiras expressamente com a intenção de estudar*” *The term ‘international students’ refers to students who have crossed borders expressly with the intention to study*” (p. 78). Os motivos que conduzem ao aumento dos estudantes internacionais estão maioritariamente relacionados com a impossibilidade de continuar os estudos no país de origem ou com o valor que a educação superior tem vindo a adquirir, nomeadamente quando os diplomas são de instituições internacionalmente prestigiadas.

Presentemente, “Nos países da OCDE, 27% dos estudantes matriculados em programas de doutoramento ou equivalentes e 12% dos matriculados em programas de mestrado ou equivalentes, são estudantes internacionais” “*Within OECD countries, 27% of students enrolled in doctoral or equivalent programs and 12% of those enrolled in master’s or equivalent programs are international students*” (OECD, 2016, p. 329). Além disso, a mobilidade e o número de estudantes internacionais continuam a ser um dos indicadores mais estáveis do nível de internacionalização das instituições de ensino superior, a qual é confirmada pela diversidade de estudantes inscritos nos cursos e presente nas salas de aula (presenciais ou virtuais). A heterogeneidade dos estudantes internacionais também constitui uma mais valia para os estudantes locais pois não só contribui para o enriquecimento das aprendizagens mas também transportam novas perspetivas sobre as áreas do conhecimento e, ainda, proporcionam o desenvolvimento de novas redes sociais de colaboração internacional (Urban & Palmer, 2014; Moreira, 2016). Assim, às vantagens institucionais da mobilidade e dos estudantes internacionais acrescenta-se claramente uma dimensão de desenvolvimento pessoal que inclui igualmente os estudantes que não se encontram em mobilidade.

Atualmente a internacionalização de instituições de educação superior encontra-se numa nova fase, pois - para além da mobilidade de

estudantes e professores com propósitos académicos, como por exemplo a troca e partilha de conhecimentos e a criação de novas ofertas pedagógicas e de projetos de investigação - se presencia também o desenvolvimento e o marketing da dimensão comercial dos serviços educativos (Wadhwa & Jha, 2014; OECD, 2016). Por outro lado, os destinos dos estudantes internacionais estão igualmente a alterar-se já que os Estados Unidos não são mais o destino preferencial e, sobretudo ao nível dos estudos pós-graduados, assiste-se a um número crescente de financiamentos pessoais e familiares (cerca de 46%). Interessante é o facto de os estudantes portugueses de sopro de metal se virarem sobretudo para os estudos dentro do espaço europeu e, mais especificamente, dentro da união europeia, onde a Alemanha é o destino preferido, tanto pelas condições e apoios oferecidos aos estudantes como a nível de mercado de trabalho, ou seja, tem uma densidade orquestral única no mundo, o que se traduz por um maior número de vagas a preencher e, por conseguinte, possibilidades de emprego futuro.

De acordo com Wadhwa (2016) esta nova fase apresenta ainda características que são associadas às constantes mudanças do mercado laboral - que requer conhecimento novo e especializado -, à procura por melhores condições de vida e à forte procura do mercado laboral (p. 231). Por último destacamos os diversos desafios e ansiedades que os estudantes internacionais enfrentam no processo de se ajustarem a uma nova cultura, os quais podem ser resumidos sucintamente a: barreiras linguísticas, choques culturais, saudades, ajustes a um novo meio académico que exige um tipo de trabalho diferente ou ainda ajustes a diferentes dinâmicas institucionais, de ensino, e consequentemente de aprendizagem (Croese, 2011).

Em Portugal

O ensino especializado da música a nível superior em Portugal é – e em especial no caso dos instrumentos de sopro de metal – bastante recente. Podemos reconhecer que até ao início do século passado, o Conservatório (Real) de Lisboa era o único estabelecimento público de ensino profissional de música que fosse reconhecido (Almeida, 2008: 67), seguindo-se a criação do Conservatório do Porto em 1917, e outros conservatórios a nível nacional a partir da década de sessenta

(Mikus, 2013, p.6). Oliveira, Rodrigues e Vasconcelos (1995), no seu estudo sobre as escolas profissionais de música em Portugal, apresentam também a ideia de que os cursos oferecidos privilegiam os instrumentos de corda e a música de conjunto, por oposição ao ensino exclusivamente artístico do instrumento, o que é revelador de uma preocupação de ir ao encontro das necessidades do mercado nacional. Podemos ainda mencionar a criação das duas escolas superiores de música em 1983 e 1985 em Lisboa e Porto, respetivamente, mas inicialmente com uma oferta limitada, sendo que os instrumentos de metal só mais tarde foram contemplados nos programas destas escolas. Sousa (2005) afirma que o ensino da música em Portugal tampouco teve o mesmo peso que noutros países ocidentais, e prossegue dizendo que: “Além disso, uma considerável quantidade de músicos procurou, e procura ainda, completar a sua formação no estrangeiro, devido à pouca qualidade do ensino ministrado, em comparação com outros países europeus ou os Estados Unidos.” (Sousa, 2005, p.19). Sousa evoca que a pouca qualidade dos estudos é a razão que motiva aos estudos no estrangeiro, no entanto, hoje em dia constatamos mudanças significativas (Antão, 2017; Oliveira, F., Rodrigues, H. & Vasconcelos, A., 1995, Pinho Vargas, 2010). Neste contexto, António Pinho Vargas (2010) cita o compositor Filipe Pires, que diz que “[...] ao nível do ensino deu-se sem dúvida um grande passo em frente com a criação das Escolas Superiores de Música e a reformulação das orquestras” [...], mas “verificamos que as necessidades de consumo são ainda muito reduzidas” (p. 376).

De facto, a principal razão que motiva à mobilidade dos estudantes portugueses de música são as escassas oportunidades de trabalho na área da música Clássica, nomeadamente em orquestras sinfónicas. A este facto acresce que esta é uma formação para um mercado de trabalho muito próprio, e que para os instrumentistas de metal portugueses se apresenta, na sua melhor solução profissional em performance, nas poucas orquestras de grande dimensão existentes no país. Esta condição leva a que cada vez mais os estudantes portugueses procurem o prosseguimento de estudos no estrangeiro e a sua potencial fixação nesses países, onde podem encontrar a solução profissional para a qual estudaram – um lugar numa orquestra. Feliz-

mente, tal como mencionado em epígrafe por Filipe Pires (in Pinho Vargas, 2010), a atualidade das orquestras sinfónicas no país tem melhorado consideravelmente quanto à quantidade e qualidade. Quanto às orquestras regionais, ainda que só ocasionalmente apresentem uma dimensão sinfónica, devemos salientar o seu trabalho louvável ao procurarem fazer chegar a cultura musical Clássica a todo o país, tendo o nível destas orquestras melhorado exponencialmente e assim contribuindo enormemente para um panorama musical mais rico em Portugal. Estas orquestras regionais tiveram a sua institucionalização em 1992 com o *Despacho Normativo n.º 56/92 de 29 de Abril de 1992*, que procurou a criação de orquestras de câmara em zonas estratégicas do país, ou o apoio a projetos já existentes.

As orquestras como comunidades de prática

As orquestras representam um contexto especial de aprendizagem cujas características as aproximam de verdadeiras comunidades de prática, conceito desenvolvido por Lave e Wenger (1991) e que remete para a aprendizagem no seio de grupos, do qual a orquestra é um exemplo flagrante. Segundo os mesmos autores, a aprendizagem em comunidades de prática envolve a construção de identidades, o que se destaca nas orquestras pelas instituições de tradição que são e pelas relações sociais e interpessoais evidentes no seu funcionamento. A aprendizagem no seio de instituições culturais como a orquestra foi já desenvolvido por Smilde (2005), que explora o conceito descrevendo a comunidade de prática não só através da aquisição de capacidades, mas também pelo processo de pertença que cria. Por outras palavras, a aprendizagem pela experiência e a adaptação a hábitos e tradições cria relações e afetividades que originam sentimentos de pertença ao grupo pelos novos elementos. Para além do supramencionado, podemos constatar no funcionamento da orquestra a evolução das redes de relações criadas, e como estas fracassam ou sucedem (Bento, 2012). De facto, um músico não poderá isolar-se para ter sucesso profissional, é através destes processos criativos e das relações entre membros que se processa a aprendizagem no meio orquestral. As capacidades adquiridas no meio orquestral, bem como a flexibilidade demonstrada para atingir o sucesso profissional são variáveis importantes que ditam o grau de empregabilidade (sucesso) de um músico ou estudante (Slatford *apud* EAC, 2011); um músico pode ser tecni-

camente infalível, mas deve ser flexível e conseguir adaptar-se a um grupo para que seja aceite e, por conseguinte, ter sucesso. Esta ideia vai ao encontro do exposto por Tabuteau (*apud* Frederiksen, 1996) que afirmava que a parte mais difícil do trabalho de orquestra não é o desempenho individual, mas sim o ajustar-se a outros músicos.

As dinâmicas numa orquestra dependem de fatores socioculturais, que tomam forma em ensaios através de relações entre os músicos (Lehmann, Sloboda & Moody, 2007). É nestas dinâmicas entre músicos, partindo das relações interpessoais e de confrontos culturais que reconhecemos a nossa cultura. É ao constatar as diferenças entre abordagens que revemos traços idênticos e diferenças que podem ser preponderantes no sucesso profissional. Por outras palavras, numa comunidade de prática – ou cultura em geral – a constatação de diferenças leva a perceber melhor as especificidades próprias da cultura de pertença, sendo através dos encontros que os músicos perceberem os seus próprios “acentos” ou “dialetos” musicais (Swanwick, 2002).

No contexto orquestral, a mobilidade de estudantes permite que experiências de âmbito cultural possam ser concretizadas, sendo que a tecnologia mostra-se como um meio dinâmico e facilitador das experiências de conhecimento e enriquecimento cultural (Antão e Moreira, 2015). De facto, a tecnologia tem mudado o panorama da música contemporânea, não só na sua produção, mas também na forma como ouvimos (Botstein, 1998), e ainda na forma como estudamos música e praticamos um instrumento (Riley, 2013). As possibilidades quase ilimitadas de audição musical Clássica na internet, bem como a existência de vídeos instrutivos e de plataformas de aprendizagem digital (Carter, 2014), permitem que hoje em dia a aprendizagem se possa realizar de forma interativa e que os estudantes de música experienciem outras abordagens à música Clássica, ainda que a um nível meramente digital, e sem todo o contexto social em que o evento (concerto) musical possa ser concebido e experienciado. Estas ferramentas digitais encerram em si potencialidades múltiplas e que já estão a ser aproveitados pelos estudantes portugueses (Antão, 2017), mas acreditamos que o verdadeiro potencial e os benefícios destas ferramentas estão ainda a ser experienciados ou desenvolvidos, nomeadamente quando pensamos ao nível do seu uso simultâneo por um coletivo.

O sucesso dos estudantes portugueses

De acordo com Antão (2017) o sucesso profissional dos estudantes portugueses que prosseguem estudos no centro europeu pode ser relacionado com diversas variáveis, sendo um fator incontornável a deslocação dos estudantes para um novo centro de estudos, apartando-se da família, do seu círculo de amigos e, eventualmente, de oportunidades de trabalho que já tivessem no país de origem. Os benefícios esperados de prosseguir estudos além-fronteiras levam inclusive a empreender encargos financeiros acrescidos. A mudança de país para prosseguimento de estudos representa uma decisão ponderada e que implica um esforço significativo da parte dos estudantes, pelo que requer igualmente um empenho possivelmente maior do que aquele que teriam se continuassem os estudos em Portugal. O esforço e determinação que motivam a tal decisão, traduzem-se numa maior dedicação ao estudo e prática do instrumento no novo local de estudos. Acrescente-se que a conjuntura que envolve uma mudança de país, a adaptação a uma cultura e sociedade diferentes, bem como uma nova instituição de ensino e professor da especialidade, torna a experiência de estudos muito intensa e pode facilmente marcar o aluno. A importância do meio envolvente no desenvolvimento do aluno é assinalável, pertencendo ao conjunto de fatores mais determinantes para o sucesso dos estudantes portugueses.

Ao prosseguir estudos no estrangeiro e confrontar a sua cultura com outra, os estudantes internacionais reconhecem os traços que definem a sua própria cultura, e a palavra *conterrâneo* assume outro significado. Se diferentes regiões de Portugal podem parecer-nos distintas, tais conceções relativizam-se quando comparadas num âmbito mais amplo, ou seja, internacional. No início, a principal e mais comum barreira no prosseguimento de estudos no estrangeiro e na adaptação dos estudantes ao meio e o seu sucesso profissional, é a língua. Contudo, com a permanência, a aprendizagem da língua é acompanhada com a necessidade de aprender uma nova cultura. Neste ponto, as competências interculturais são a base para que os alunos se possam adaptar e singrar no meio (Antão e Moreira, 2015).

Ao prosseguirem estudos no estrangeiro, os estudantes portugueses encontram naturalmente tradições e convenções musicais, bem como

novas experiências a nível académico e social. O sucesso dos estudantes vai estar ligado à forma como lidam com as novas experiências e como se adaptam às novas tradições e convenções. O nível académico é o nível em que a adaptação é mais rápida, facilitada pela multiculturalidade dos meios académicos (Moreira & Antão, 2017). Quanto ao nível social, o processo pode ser mais demorado, pois ainda que possam estar numa situação de conforto, há barreiras a serem superadas, como a aprendizagem do idioma (por vezes a longo prazo), a descoberta da sociedade e das suas particularidades. Já ao nível cultural, a adaptação pode ser ainda mais demorada, visto depender dos níveis anteriores e da continuada predisposição individual para as aprendizagens culturais e continuada imersão.

Notas Finais

No paradigma atual, as instituições de ensino superior encontram-se perante novos desafios não podendo suprimir a abordagem às problemáticas da diversidade e da mobilidade, atualmente tão importantes na vida dos estudantes, ou embarcar em novos e desafiantes itinerários, nomeadamente com recurso a novas tecnologias, por forma a reforçar e fundamentar o desejo de internacionalização dos seus estudantes.

Os benefícios da multiculturalidade para os estudantes portugueses começam pelo estimulante meio, pois é possível encontrar estudantes de culturas diferentes e que também decidiram prosseguir estudos no estrangeiro, o que promove o contato recíproco, dada a similaridade das condições, motivações e interesses. O diálogo intercultural, inserido nas competências interculturais, é a ferramenta que permite o saudável diálogo e que promove a aprendizagem e benefício mútuo entre estudantes, exigindo abertura para lidar com outras culturas.

Podemos concluir que os benefícios esperados da realização de estudos internacionais podem até conduzir a um aumento dos encargos financeiros, uma tendência que se intensificou na nova fase de internacionalização das universidades (Wadhwa & Jha, 2014). Contudo, a mudança de país para prosseguir estudos é uma decisão bem ponderada e envolve um esforço significativo por parte dos alunos e, portan-

to, também requer um grande compromisso que envolve adaptação a uma cultura e sociedade diferentes, bem como a uma nova instituição de ensino, a professores e a cultura de ensino. De facto, os processos de adaptação e integração ao meio são facilitadores e determinantes no sucesso académico e profissional dos estudantes que procuram prosseguir estudos no estrangeiro e aí singrar profissionalmente. Em outras palavras, os desafios inerentes ao processo de imersão na nova cultura, que torna a experiência de estudo muito intensa, são apontados pelos estudantes portugueses (Antão, 2017) de forma semelhante à descrita na literatura (Croese, 2011). Além disso, as características do cenário cultural são mencionadas como pertencentes ao grupo de fatores mais decisivos para o sucesso dos estudantes.

Bibliografia

- AEC (Association Européenne des Conservatoires) (2001). *Promuse: Professional Integration of Musicians and Continuing Education in Music*. Utrecht: AEC.
- Almeida, A. (2008). *Memórias no Feminino: O Círculo de Cultura Musical do Porto (1937 – 2007)*. Tese de Mestrado: Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.
- Antão, G. (2017). *A experiência intercultural na aprendizagem – Estudo de caso dos estudantes portugueses de instrumentos de sopro de metal na Alemanha* Lisboa: Universidade Aberta PhD Thesis.
- Antão, G. & Moreira, D. (2015). *Intercultural musical learning in the era of technology*. Paper presented at the 3rd 21st Century Academic Forum Conference at Harvard, Boston, MA.
- Bento, R. (2012). *Sociedade de metamorfose: a criação de uma orquestra sinfónica num bairro social da Amadora*. Tese de mestrado: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Botstein, L. (1998). *Toward a History of Listening*. *The Musical Quarterly*, Vol. 82, No. 3/4, Special Issue: “Music as Heard” (Autumn Winter, 1998), pp. 427-431. Oxford University Press.
- Carter, B. (2014). *Is a Virtual Composer in Residence an Oxymoron?*, in Barret, J. & Webster, P. (Eds.) (2014). *The Musical Experience: Rethinking Music Teaching and Learning*. New York: Oxford University Press. Pp. 169-182
- Croese, B. (2011). Internationalization of the Higher Education Classroom: Strategies to Facilitate Intercultural Learning and Academic Success, in *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education* 2011, Volume 23, Number 3, 388-395 ISSN 1812-9129
- Eurostat (2009) *The Bologna Process in Higher Education in Europe: key indicators on the social dimension and mobility*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Eurydice (2004). *Integrating Immigrant Children into Schools in Europe*. Brussels: European Commission.
- Frederiksen, B. (1996), *Arnold Jacobs: Song and Wind*, WindSong Press Limited, ISBN 978-0-9652489-0-7

- Gardner (2004). *How Education Changes: Considerations of History, Science, and Values*. In Marcelo M. Suárez-Orozco and Deserée Baolian Qin-Hilliard (Eds) *Globalization: Culture and Education in the New Millennium* p. 235-258. Berkeley: University of California Press.
- Lave, J. & Wenger, E. (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. New York: Cambridge University Press.
- Lehmann, A.; Sloboda, J. & Woody, R. (2007). *Psychology for Musicians: Understanding and Acquiring the Skills*. New York: Oxford University Press.
- Mikus, J. (2013). *O contributo da disciplina de orquestra no desenvolvimento integral dos alunos do ensino especializado da música*. Tese de Mestrado: Universidade Católica Portuguesa, Escola das Artes, Porto.
- Moor, B. & Henderikx, P. (2013) *International Curriculo and Student Mobility*. Advice Paper n° 12. LERU. League of European Research Universities.
- Moreira, D. & Antão, G. (2017). “*Nobody is strange: mobility and interculturality in higher education from the viewpoint of a group of Portuguese international music students*.” 3rd International Conference on Higher Education Advances, HEAD’17. Universitat Politècnica de Valencia: Valencia, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.4995/HEAD17.2017.5329>
- Moreira, D. (2016). From on-campus to Online: A Trajectory of Innovation, Internationalization and Inclusion *International Review of Research in Open and Distributed Learning* Vol.17 n°5 pp. 186-199 DOI: 10.19173/irrodl.v17i5.2384 pp. 186-199
- Moreira, D., Marcos, A. & Coelho, (2013). “Experiencing Diversity in a ODL higher education context”, EADTU Annual Conference, Paris, 2013 - The Open and Flexible Higher Education Conference - Proceedings. Pages 251 - 260. ISBN 978-90-79730-13-1.
- OECD (2013), *Education at a Glance 2013: OECD Indicators*. OECD Publishing.
- OECD (2014). *Education at a Glance 2014: OECD Indicators*. OECD Publishing.
- OECD (2016), *Education at a Glance 2016: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris.
- Oliveira, F., Rodrigues, H. & Vasconcelos, A. (1995). *As Escolas Profissionais de Música em Portugal em 1995*. Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical n°85 Abril/Junho de 1995, pp. 16-23.
- Pinho Vargas, A. (2010). *Música e Poder - Para uma Sociologia da ausência da Música Portuguesa no contexto Europeu*. Tese de Doutoramento: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Riley, P. (2013). *Teaching, Learning, and Living with iPads*. *Music Educators Journal* - September 2013. National Association for Music Education, Pp.81-87: <http://mej.sagepub.com> [03 de Outubro de 2015]
- Smilde, C. (2005). *Lifelong Learning as a Challenge for Music Colleges*. Em *Pauta*, Porto Alegre, v. 16, n. 26, pp. 6-16, Janeiro a Junho 2005. ISSN 0103-7420
- Sousa, R. (2005). *Factores de abandono no ensino vocacional da música*. *Revista Música, Psicologia e Educação* N° 6, Setembro 2005; Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico do Porto (pp. 19-31).
- Southcott, J. & Joseph, D. (2010). *Engaging, Exploring, and Experiencing Multicultural Music in Australian Music Teacher Education: The Changing Landscape of Multicultural Music Education*. *International Journal of Music Teacher Education* 2010 20: pp. 8-26.

- Swanwick, K. (2002). *Teaching Music Musically*. Taylor & Francis e-Library (1ª Edição 1999). Pp. 1-42.
- Urban, E. L. & Palmer, L. B. (2014) International Students as a Resource for Internationalization of Higher Education *Journal of Studies in International Education* 2014, Vol. 18(4) 305–324
- Wadhwa, R (2016). *New Phase of Internationalization of Higher Education and Institutional Change*. Higher Education for the Future 3(2) 227–246 DOI: 10.1177/2347631116650548
- Wadhwa, R. & Jha, S. (2014). *Internationalization of Higher Education: Implications for Policy Making*. Higher Education for the Future 1(1) 99–119. DOI: 10.1177/2347631113518399
- Despacho Normativo nº56/92: Diário da República, 1ª série, parte B - N.º 99 - 29 de abril de 1992: <http://www.legislacao.org/primeira-serie/despacho-normativo-n-o-56-92-projecto-financeiro-orquestra-apoio-109912> [22 de Outubro de 2015]